

Casa Olga Baeta: “Uma estrutura, digamos, estranha...”

COTRIM, Marcio. Casa Olga Baeta: “Uma estrutura, digamos, estranha...”. Revista Docomomo Brasil, Rio de Janeiro, n. 3, p. 74-83, dez. 2018

data de submissão: 20/09/2018
data de aceite: 20/10/2018

The Olga Baeta's House: “A structure, let's say, strange...”

La Casa Olga Baeta: “Una estructura, digamos, rara...”

Marcio COTRIM

Doutor em História da Arquitetura; professor do curso de arquitetura e urbanismo e do Programa de Pós-graduação da UFPB;
marciocotrim@gmail.com

Resumo

No artigo analisamos as transformações ocorridas na Casa Olga Baeta, desde o projeto original de Artigas e Cascaldi até a sua remodelação projetada por Angelo Bucci. A linha entre um projeto post-mortem e um novo projeto é tênue e aponta para uma espécie de simbiose rara entre os dois arquitetos. No entanto, para além de especulações, indica que qualquer intervenção na pré-existência pode ser um novo bom projeto que inscreva novas camadas de tempo sem apagar as anteriores.

Palavras-chave: Vilanova Artigas, Casa Olga Baeta, Angelo Bucci

Abstract

In this paper we analyze the transformations that took place in Baeta's House, from the original design by Artigas and Cascaldi to the its remodel designed by Angelo Bucci. The line between a post-mortem project and a new project is tenuous and points to a kind of rare symbiosis between the two architects. However, beyond speculation, it indicates that any intervention in the pre-existence may be a new project that inscribes new layers of time without erasing the previous ones.

Keywords: Vilanova Artigas, Olga Baeta's House, Angelo Bucci

Resumen

En este artículo analizamos las transformaciones ocurridas en la Casa Olga Baeta, desde el proyecto original de Artigas y Cascaldi hasta su remodelación proyectada por Angelo Bucci. La línea entre un proyecto post-mortem y un nuevo proyecto es tenue y apunta a una especie de simbiosis rara entre los dos arquitectos. Sin embargo, además de especulaciones, indica que cualquier intervención en la preexistencia puede ser un nuevo buen proyecto que inscribe nuevas capas de tiempo sin borrar las anteriores.

Palabras clave: Vilanova Artigas, Casa Olga Baeta, Angelo Bucci

A Olga Baeta é uma das casas mais conhecidas projetadas por Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi. Desde sua construção, em meados dos anos 1950, foi publicada em diversas revistas especializadas¹, até ser consagrada na década de 1980 pela matéria - *A obra do arquiteto*² -, assinada por Ruth Verde Zein e publicada na revista *Projeto*, em agosto de 1984, poucos meses antes de sua morte, em um suplemento especial dedicado ao arquiteto. Segundo Hugo Segawa:

[foi] a primeira tentativa de sistematização da obra do Mestre, na qual se estabelece uma cronologia e seleção de projetos executados, ilustrada com fotos cedidas pelo escritório, e plantas e cortes de autoria do próprio arquiteto (SEGAWA, 2015, p.17)

No artigo, Zein sistematizou parte da obra de Artigas em quatro fases, estruturando um número importante de pesquisas e publicações posteriores: **fase inicial** (1938-1946), **intermediária** (1947-1955), **maturidade** (1956-1966) e **consagração** (1967-1985). A Casa Olga Baeta inaugura a terceira fase. O substantivo *maturidade*, segundo a autora, não está apenas vinculado ao uso do concreto armado, mas à pesquisa com relação a esse material iniciada neste momento. Para Zein:

a pesquisa do concreto armado empregado extensivamente inicia-se na residência Olga Baeta (1956), com os dois paramentos que fecham as extremidades menores da casa. (ZEIN, 1984)

Em 1982, dois anos antes do artigo de Ruth, Marlene Milan Acayaba e Sylvia Fischer, no livro, *Arquitetura moderna brasileira*, também atribuem à casa um papel decisivo no conjunto da obra de Artigas. Referindo-se ao edifício da FAU-USP:

Nesta obra Vilanova Artigas voltou a empregar, agora em escala maior, os volumes fechados e as empenas suportadas por pilares de forma irregular presentes já em obras anteriores, tais como as residências Baeta (1956) e Mendoza (1957) (ACAYABA; FISCHER, 1982)

Apesar da importância atribuída pelas autoras nos dois artigos em 1982 e 1984, a casa ficou de fora do livro publicado em 1983, por Xavier, Lemos e Corona, *Arquitetura Moderna Paulista*; sendo inserida em 1986 no livro *Residências em São Paulo 1947-1975* de Marlene Milan Acayaba.

Ainda que a solução adotada na estrutura da casa, “com os dois paramentos que fecham as extremidades menores” seja inovadora e mereça um justo destaque com relação a arquitetura residencial produzida no país até aquele momento, a casa Olga Baeta também serviu, em diferentes ocasiões, para corroborar a continuidade de uma das características supostamente fundamentais da Arquitetura Moderna no Brasil, na qual aspectos da cultura local eram harmoniosamente justapostos a soluções gestadas nas vanguardas européias. Se por um lado

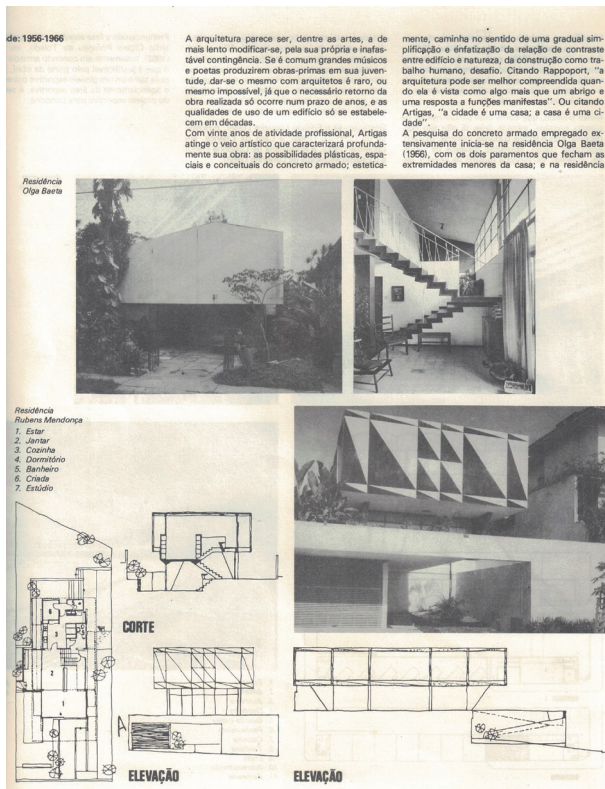


Figura 1 | Página da matéria A obra do arquiteto assinada por Ruth Verde Zein
Fonte: Revista Projeto n. 66, 1984

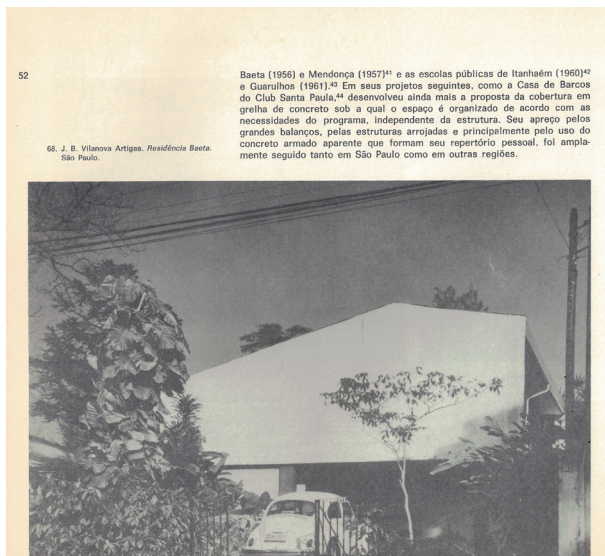


Figura 2 | Página do livro *Arquitetura Moderna Brasileira*, Marlene Milan Acayaba e Sylvia Fischer
Fonte: (ACAYABA; FISCHER, 1982)

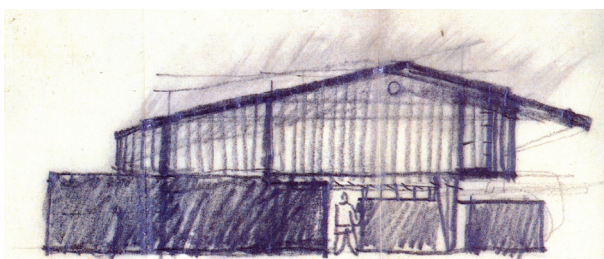


Figura 3 | Croqui da fachada frontal da casa Olga Baeta, desenho de Vilanova Artigas
Fonte: Acervo da FAU - Universidade de São Paulo

o perfil de "casinha" com duas águas, criado nas fachadas frontal e posterior, e a disposição vertical das formas do concreto deixado aparente nas empenas/vigas fazem referência às casas em madeira do estado natal de Artigas, o Paraná, por outro, o cromatismo interior nos pisos e paredes, citam inequivocamente o neoplasticismo holandês do primeiro quartel do século 20.

2.

A casa foi projetada e construída entre 1956 e 1957 para os biofísicos Olga Bohomoletz e Sebastião Baeta Henriques³. O casal havia chegado a São Paulo treze anos antes de se mudar para a casa no bairro jardim do Butantã – de propriedade da Companhia City. Ambos formaram-se na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte e foram a São Paulo para integrar a equipe de pesquisadores do Instituto Butantã, o que explica a localização do terreno comprado pelo casal. Sebastião Baeta, em 1957, foi incorporado ao quadro de docentes e pesquisadores da Escola Paulista de Medicina da Universidade de São Paulo. Baeta e Bohomoletz eram ligados ao Centro de Estudos Sociais, uma "espécie de núcleo de discussão e atividades culturais entre intelectuais em São Paulo" (RODRIGUES, 2008), reduto de militantes do PCB. Foi no Centro de Estudos Sociais, onde estreitaram vínculos de amizade com o físico Mário Schenberg, o historiador Caio Prado Junior e o arquiteto Vilanova Artigas.

3.

O projeto da casa ocupa 27,51% do terreno de 480 m², com um volume único de 132 m². Seu programa se distribui em 239,73 m² divididos em três níveis intermediários. Sua estrutura é composta por três linhas de dois pilares que quando engastados às empenas estruturais na fachada frontal e posterior, os tais parâmetros citados por Zein. Os seis pilares são distribuídos em um perímetro de aproximadamente 11,60 m paralelos à rua, e nos 12,65 m perpendiculares a ela. Duas linhas de três pilares vencem o vão longitudinal numa distância de 6,40 m sem balanços. No sentido transversal (paralelo à rua) as três linhas de dois pilares são separados por 5,20 m e determinam um balanço de aproximadamente 5 m correspondente à área de pé-direito duplo da sala e do estúdio. O projeto original contava ainda com uma escora em concreto armado na linha (transversal) dos pilares centrais, necessária pela impossibilidade - em virtude da altura com relação ao patamar da escada - de se utilizar outra empena dentro da casa. Devido a problemas na execução a escora foi substituída por outro pilar (o sétimo). Durante a reforma realizada nos anos 1990, outros 3 pilares restritos ao pavimento térreo foram encontrados embutidos na parede que dividia a sala da cozinha e a zona de serviços.

Por primeira vez na obra de Artigas, as vigas transversais determinaram empenas de grande altura e



Figura 4 | Fachada frontal da casa Olga Baeta
Foto: Nelson Kon

como consequência pórticos estruturais. Ou seja, vigas e pilares, articulados por um nó rígido, que funcionam como uma única peça. Neste caso, determinando uma situação peculiar, as empenas não se encontram no eixo de apoio dos pilares e sim engastadas por suas faces internas junto às faces externas destes. Esse conjunto, sobre o qual se apoia um única laje - inclinada em duas águas -, materializou uma solução que se repetirá e se diversificará em outros edifícios: um único plano de cobertura sob o qual todo o programa é organizado em níveis intermediários gerando pés-direitos com diferentes alturas e tendo - no caso das casas - o estúdio como ambiente articulador entre as áreas de natureza mais íntima e aquelas de uso mais coletivo. Ainda que no caso da Olga Baeta, a circulação vertical seja resolvida por meio de dois lances de escada, na grande maioria das vezes, foram utilizadas rampas como principal forma de circulação vertical, que por sua vez acumulavam também a circulação horizontal o que permitiu uma série de possibilidades combinatórias de percursos nas quais o programa foi distribuído em níveis intermediários. Foi, portanto, a partir da casa Olga Baeta, como indicou Zein, em 1984, que Artigas inicia sua pesquisa com o concreto armado, no sentido de explorar novas soluções construtivas quando comparadas às suas obras anteriores, mas é também quando se coloca em evidência a interdependência entre a solução proposta

para a estrutura, a organização espacial e funcional do programa e a relação que os espaços interiores estabelecem com o exterior.

4.

Os filhos de Olga e Sebastião Baeta ao decidirem se desfazer da casa em 1995 deram preferência aos familiares e herdeiros. Uma sobrinha-neta, que naquele momento procurava junto com o marido, Eugênio Bucci, um lote para construir sua casa, aceitou a proposta. Seu cunhado e irmão de Eugênio, o arquiteto Angelo Bucci foi encarregado da reforma (1996-1998). Anos depois, em 2006, Bucci descreveu de maneira primorosa o edifício:

Aí está a beleza da coisa: a gente olha a casa e vê uma estrutura, digamos, estranha. Uma empena (viga) de altura enorme, pilares aparentemente mal posicionados e um balanço desproporcional ao vão. Daí você entra na casa, vê o pórtico central sem a empena que tornaria aquele balanço absurdo. Então você vê a escora. Nota o pavimento superior carregando o pórtico de modo equilibrado, a empena que se repete no terceiro pórtico. Finalmente você vê a estrutura com outros olhos, aquilo que parecia desproporcional está perfeitamente equilibrado, os pilares estão muito bem posicionados e a empena ganha a medida justa. Aquilo que à primeira vista tinha algo de estranho, esconso, fica perfeito a partir da nossa compreensão (BUCCI apud COTRIM, 2017).

Bucci, de modo sensorial, identificou o que tratamos anteriormente como a interdependência entre

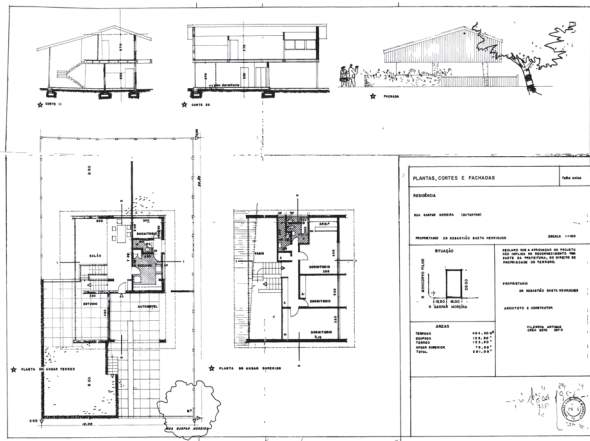


Figura 5 | Planta de prefeitura da casa Olga Baeta
Fonte: Acervo da FAU - Universidade de São Paulo

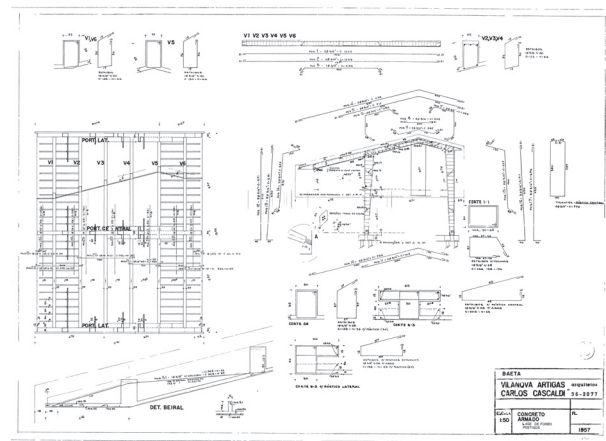


Figura 6 | Projeto estrutural - laje e pórticos - Projeto Executivo da Casa Olga Baeta
Fonte: Acervo da FAU - Universidade de São Paulo

a solução proposta para a estrutura em concreto armado e a organização espacial e funcional em níveis intermediários. No caso da Olga Baeta, este fato é percebido na medida em que a disposição dos dormitórios no pavimento superior e a altura de pé-direito gerado na sala e no estúdio favorecem a estabilidade do conjunto, evitando assim a tração nos pilares opostos ao balanço e contribuindo significativamente no esforço estrutural exercido pelas empenas.

Esta interpretação contraria a idéia de *verdade estrutural*, incessantemente atribuída à obra de Artigas, e a *vertente* da arquitetura moderna brasileira que advogava a *exposição dos elementos estruturais*. O que parece estar presente na Casa Olga Baeta é a definição de um raciocínio estrutural que não é imediatamente anunciado, mas desvelado na medida em que o usuário se apropria do espaço. Portanto o termo poderia ser ajustado para *didática estrutural*, em que a lógica com que foi concebida é explicada durante o contato com o edifício.

5.
A reforma da casa levada a cabo por Angelo Bucci a partir de 1996, quando ainda era sócio do escritório MMBB⁴, se concentrou em quatro frentes: a) redistribuição da planta e recuperação de natureza técnica de ambientes servidos de instalações hidro-sanitárias; b) alteração dos jardins e espaços exteriores; c) recuperação do piso original e alteração do desenho motivadas pelas modificações indicadas no item (a); d) recuperação da esquadria original da sala, ampliação e alteração do seu desenho original em consonância com os itens (a), (b) e (c); e finalmente a recuperação do projeto estrutural que não havia sido realizado na íntegra.

Tanto no pavimento térreo como no primeiro pavimento, Bucci alterou a distribuição das zonas de cozinha, serviço e banheiro e redesenhou os sistemas

de instalações hidro-sanitárias. No térreo, a eliminação do dormitório de empregada permitiu que se destinasse área para um sala de jantar e um lavabo. Neste caso, todas as paredes que substituíram as originais foram construídas em argamassa com cinco centímetros de espessura e sem acabamento. A diferença de material entre as paredes novas e as originais foi reforçada pelo fato da altura das novas não alcançarem a laje, o que em parte também ocorria no projeto originalmente construído. O re-



Figura 7 | Interior da Casa Olga Baeta
Fonte: Acervo da FAU - Universidade de São Paulo

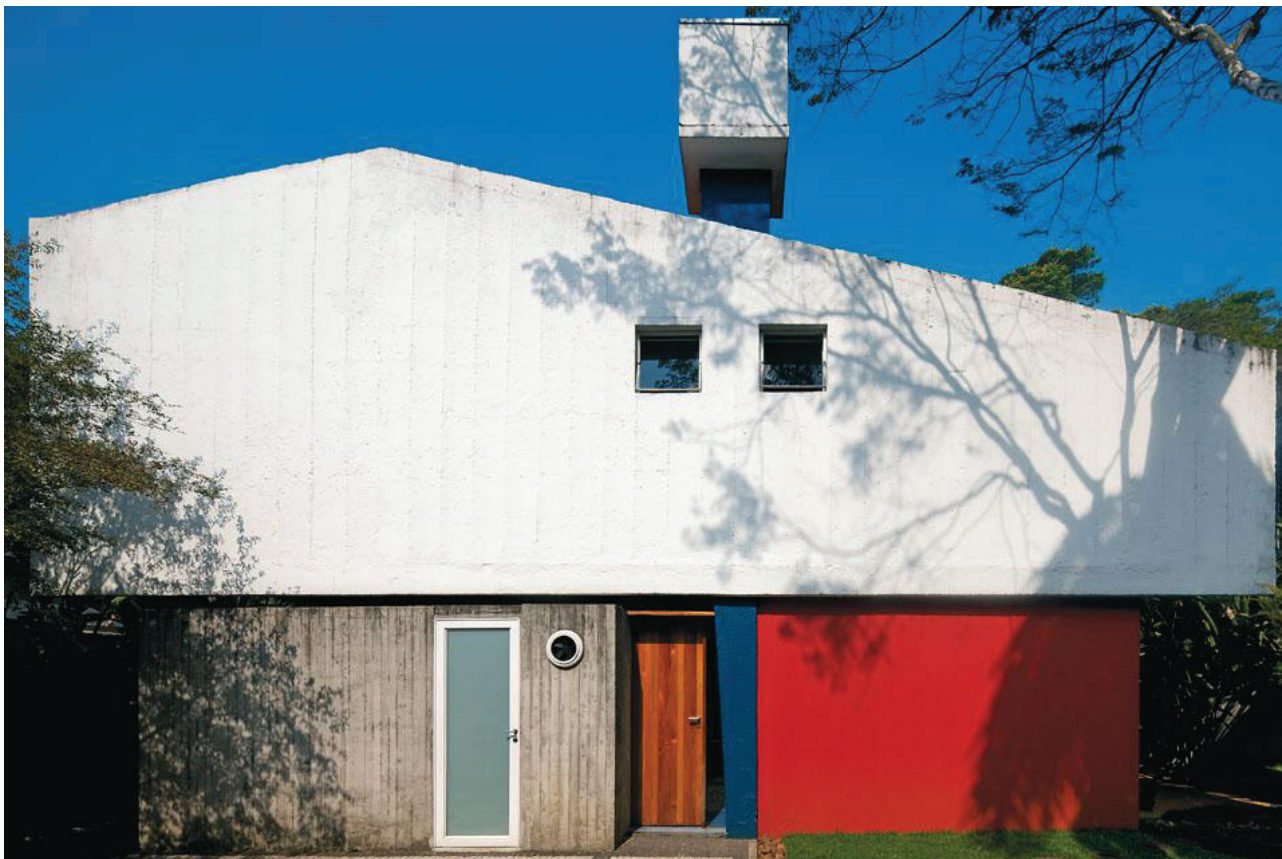


Figura 8 | Fachada posterior da Casa Olga Baeta
Foto: Leonardo Finotti

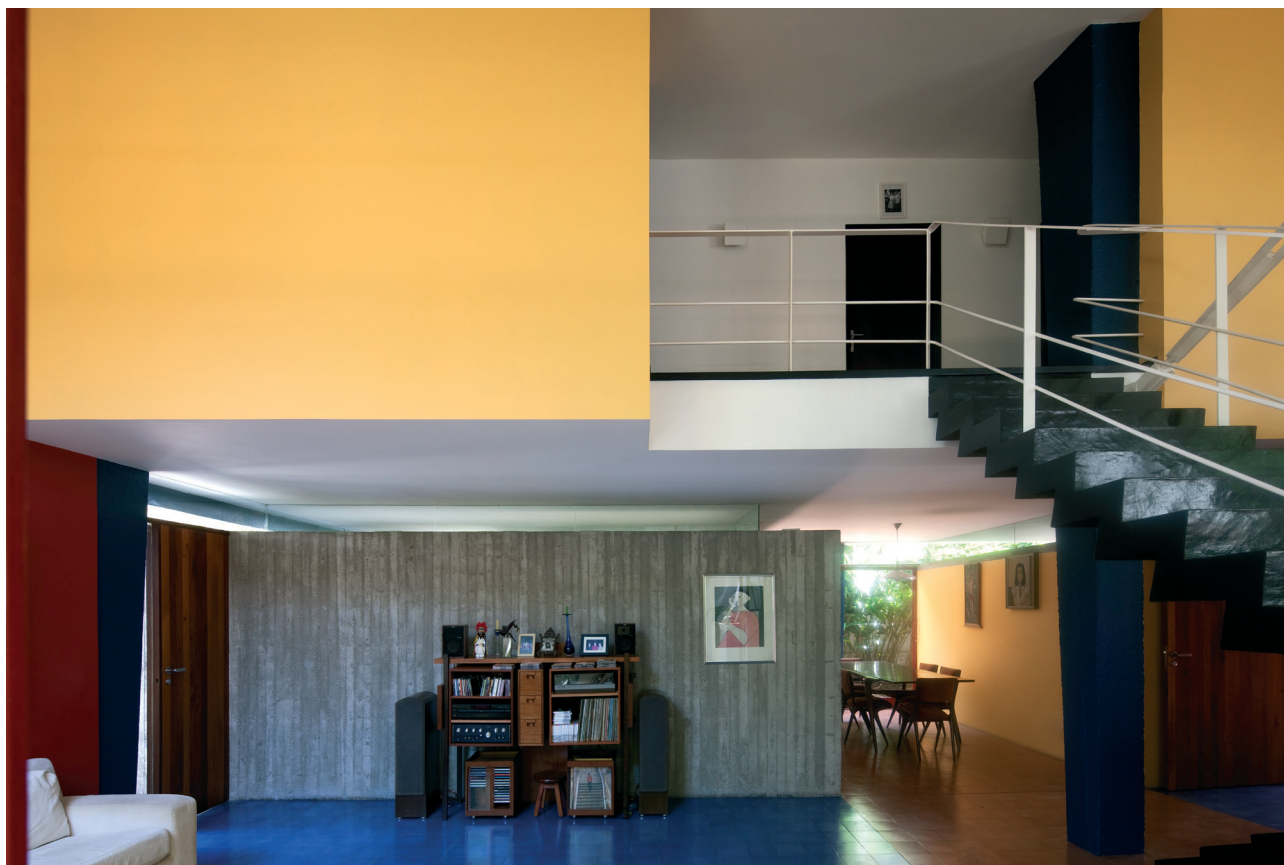


Figura 9 | Fachada lateral da Casa Olga Baeta
Foto: Nelson Kon

sultado, sem dúvida, é harmonioso, pois interpreta de modo sofisticado a independência entre as diferentes partes do projeto que conviviam em um mesmo plano, no entanto, ao mesmo tempo, não deixa dúvidas quanto às duas camadas de tempo justapostas em uma mesma superfície (fachadas laterais e posteriores).

A alteração na distribuição das áreas da cozinha e serviços no térreo induziu a algumas mudanças no desenho do piso de ladrilho hidráulico. A paginação original é mantida ao máximo possível, porém o piso estende-se à sala de jantar, que passa a integrar-se ao espaço principal de pé-direito duplo e, a partir dela, em direção ao exterior.

Os jardins externos são também alvo de importantes transformações, nas quais o objetivo é relacionar, de maneira ainda mais franca do que ocorria no projeto originalmente construído, o interior da casa às áreas exteriores. Isso ocorre, como dito anteriormente, na sala de jantar com a extensão do piso interno e, da mesma forma, na sala de estar, espaço principal de pé-direito duplo, cujo espaço é estendido até o exterior. Entretanto, o aumento do nível do jardim exterior, até praticamente nivelá-lo com sua porção lateral ao escritório (nível intermediário entre os quartos e as salas) está associado à mudança no desenho da esquadria original de ferro. O material da esquadria é mantido, e a maior parte do desenho também, porém, Bucci optou em ampliar



Figuras 10 e 11 | Imagens do interior da Casa Olga Baeta
Fotos: Leonardo Finotti



Figuras 12 a 15 | Fachada lateral e imagens do interior da Casa Olga Baeta
Fonte: Acervo da FAU - Universidade de São Paulo (imagens PB) | Fotos Leonardo Finotti (imagens coloridas)

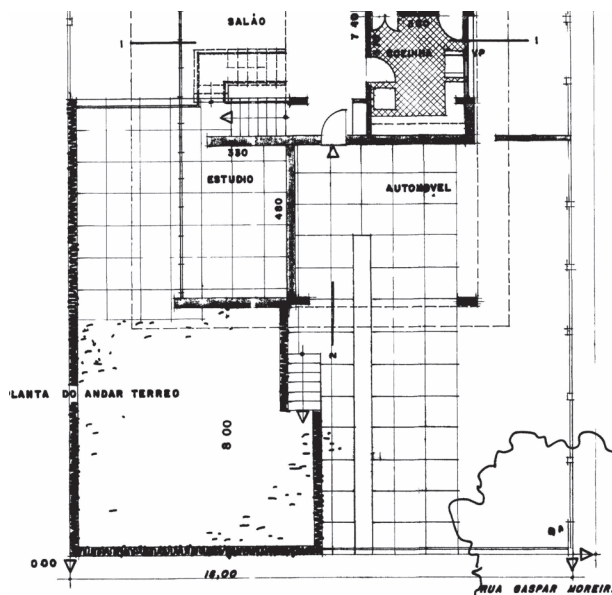


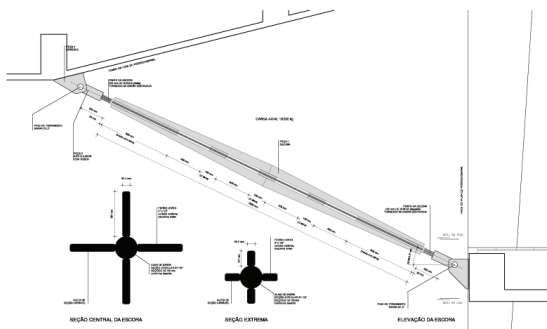
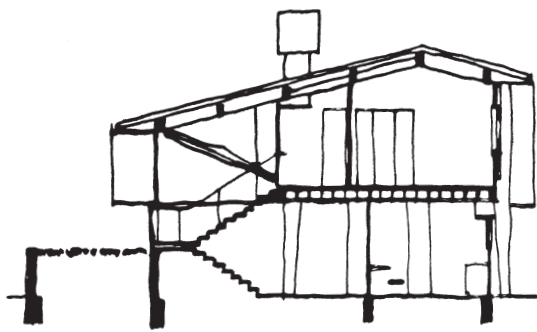
Figura 16 | Detalhe do estúdio em planta baixa
Fonte: Acervo da FAU - Universidade de São Paulo

a continuidade da esquadria na área do escritório até praticamente o novo nível do jardim contíguo. A transformação é significativa e os espaços, internos e externos, agora ficam muito mais integrados.

Aos considerarmos o anteprojeto da casa, disponível nos arquivos da FAU-USP, nota-se a intenção inicial de integrar o estúdio e o jardim exterior - inclusive pelo prolongamento do piso -, ambos pensados em um mesmo nível, intermediário com relação à sala e ao pavimento dos dormitórios. Bucci decidiu integrar visualmente estes dois espaços ampliando esquadria e elevando o nível do jardim, no entanto a extensão do piso ocorreu, apenas na sala de estar.

Evidentemente, trata-se de uma situação excepcional, constituída por arquitetos de notório talento - Vilanova Artigas e Angelo Bucci - e, neste caso em especial, a formação do segundo é claramente influenciada pela presença do primeiro na Universidade de São Paulo onde ambos se formaram. Esta condição particular, por si só legitimaria uma intervenção "à la Viollet-le-Duc", na qual Bucci se permite identificar "as qualidades originais daquela obra, que por contingências, à época de sua construção, em 1957, foi concluída com poucos recursos."

De fato, o foco central do projeto de Bucci diz respeito à solução estrutural proposta por Artigas, que por motivos técnico-orçamentários não pôde ser concluído. A frase exposta no início do item quatro deste texto revela, na opinião de Bucci, a beleza da estrutura da casa. Porém a frase pode ser dividida em duas partes. A primeira é quando um hipoté-



Figuras 17, 18, 19 | Plantas da reforma de 1996; Corte do projeto de 1957: anteprojeto; Desenho da escora
Fonte: Acervo SPBR

tico usuário toma contato com a casa, ocasião na qual se revela “uma estrutura, digamos, estranha. Uma empena (viga) de altura enorme, pilares aparentemente mal posicionados e um balanço desproporcional ao vão” (BUCCI apud COTRIM, 2017). A segunda parte do raciocínio, que supostamente reverte a estranheza inicial se dá quando se reconhece a escora: “então você vê a escora. Nota o pavimento superior carregando o pórtico de modo equilibrado, a empena que se repete no terceiro pórtico. Finalmente você vê a estrutura com outros olhos, aquilo que parecia desproporcional está perfeitamente equilibrado” (BUCCI apud COTRIM, 2017).

Angelo Bucci retirou o pilar intruso (o sétimo pilar), bem como os outros três que estavam embutidos na parede divisória entre a sala e a zona serviço. No lugar, desenhou uma escora metálica no mesmo ponto da que havia sido pensada por Artigas em concreto armado e que ao não ter sido construída exigiu, em certa medida, o desmantelamento da lógica estrutural inicial com a inclusão dos quatro pilares.



Figuras 19 e 20 | Casa Olga Baeta
Fotos: Nelson Kon

A frase dita por Bucci em 2006 indica duas camadas de tempo. A primeira, a do projeto originalmente construído na segunda metade dos anos 1950, a de “uma estrutura, digamos estranha”. A outra, a do projeto de reforma do próprio Angelo Bucci, realizado quarenta anos depois, que equilibra a estranheza inicial e recupera “as qualidades originais daquela obra” presentes nos estudos preliminares e no anteprojeto “que por contingências, à época de sua construção, em 1957, foi concluída com poucos recursos.” A linha entre um projeto *post mortem* e um novo projeto é tênue e aponta para uma espécie de simbiose rara, não presencial, entre os dois arquitetos. Porém, à margem de especulações, indica que toda intervenção na pré-existência pode ser um *novo bom projeto* inscrevendo novas camadas de tempo sem que sejam apagadas as anteriores.

Notas

¹ A primeira publicação foi em 1958 na revista *Casa & Jardim* n.43.

² Foi recentemente republicado in ZEIN, Ruth Verde. *Leituras críticas*. Pensamento na América Latina, volume 5. São Paulo/Austin, Nhamerica Platform, Romano Guerra, 2018.

³ Para informações detalhadas sobre a trajetória profissional e política do casal ver: RODRIGUES, Jaime. *A Universidade Federal de São Paulo aos 75 Anos: ensaios sobre memória e história*. São Paulo: editora Fap-Unifesp. 2008

⁴ Motivo pelo qual no site do atual escritório de Angelo Bucci, o SPBR, consta na ficha da reforma da casa os nomes dos arquitetos: Fernando de Mello Franco, Marta Moreira, Milton Braga, Alvaro Puntoni, Carmen Moraes, Luciana Itikama.

Referências bibliográficas

ZEIN, Ruth Verde. *Leituras críticas*. Pensamento na América Latina, volume 5. São Paulo/Austin, Nhamerica Platform, Romano Guerra, 2018.

SEGAWA, Hugo. *Eu sou cem, eu sou trinta (abertura)*. In MEDRANO, Leandro; RECAMÁN, Luiz (orgs.). *Artigos e a metrópole*. São Paulo: FAU-USP, 2015.
RODRIGUES, Jaime. *A Universidade Federal de São Paulo aos 75 Anos: ensaios sobre memória e história*. São Paulo: editora Fap-Unifesp. 2008.

ACAYABA, Marlene; FICHER, Sylvia. *Arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Projeto, 1982.

COTRIM, Marcio. *Vilanova Artigas. Casas paulistas 1967-1981*. São Paulo, Romano Guerra, 2017.